

Antonio D'Amélio (Gestões 1972/1974 e 1978/1980)

Secretário: Renato Rubens Rocchi Guedes de Oliveira

Tesoureiro: Carlos de Abreu Costa

Junta Fiscalizadora: José de Carvalho Tolentino, Leonídio Valente e Celso André

O primeiro mentor do CCS-SP, Antonio D'Amélio, escolhido pelos outros 24 fundadores, assumiu a missão de comandar os primeiros passos da entidade e personificar seus ideais, em uma época desafiadora para categoria. Ainda que regulamentada àquela época, a profissão de corretor de seguros não estava consolidada. Havia, também, constantes ameaças de projetos de leis que tentavam extinguir ou de reduzir o papel do corretor na intermediação de seguros. D'Amélio teve de lidar, ainda, com a concorrência dos bancos na venda de seguros.

Ao encerrar seu mandato, D'Amélio reconheceu, orgulhosamente, que a meta do Clube fora atingida. “Mas, isso foi possível, não pelo mérito desta diretoria e sim de todos os membros do nosso Clube, que realmente demonstraram efetiva existência do elo, símbolo do Clube”, disse ele em texto assinado no Boletim Informativo do CCS-SP. Em seguida, quis deixar registrada a sua homenagem a José Logullo e Roberto de Souza Nazareth, que não viveram para ver concretizada a ideia de uma agremiação dos corretores.

Na 100ª edição do JCS, em 1988, ele deixou claro em seu depoimento que não gostava de opinar sobre a polêmica de instituições financeiras versus seguradoras independentes, mas preferia falar do livre trabalho do corretor profissional e das leis claras que deveriam regular o mercado. Foi assim com a campanha que o Clube promoveu contra a transferência do controle da atividade seguradora do Ministério da Indústria e Comércio para o Ministério da Fazenda. “Foi uma boa campanha e havia uma opinião generalizada entre os corretores e seguradores independentes contra, mas o governo julgou essa mudança mais acertada”, disse.

Leôncio de Arruda, que teve D'Amélio como companheiro de diretoria no Sincor-SP, se referia a ele como um homem muito ético, conciliador. “Era muito bom, o melhor de todos nós, sem dúvida. Apoiava ideias, mas não fazia questão de cargos, era meio desprovido de vaidade”, disse em seu depoimento ao livro que marcou os 75 anos do Sincor-SP, em 2009. Ele também relata que Toninho, como gostava de chamá-lo, criou o primeiro Código de Ética para o Sincor-SP e que a partir desse instrumento conseguiu identificar, juntar provas e denunciar à Susep os maus profissionais. O resultado foi tão bom que, segundo Leôncio, o Código de Ética foi definitivamente incorporado ao estatuto do sindicato.